

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Kimberly de Castro Nogueira

**CONCORDÂNCIA VERBAL: atividades de análise linguística no Ensino
Fundamental II**

Taubaté - SP

2019

Kimberly de Castro Nogueira

CONCORDÂNCIA VERBAL: atividades de análise linguística no Ensino Fundamental II.

Trabalho de Graduação apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Letras: Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas Literaturas (Licenciatura) da Universidade de Taubaté.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Cintra de Carvalho Pinto

Taubaté - SP
2019

Kimberly de Castro Nogueira

CONCORDÂNCIA VERBAL: atividades de análise linguística no Ensino

Fundamental II

Trabalho de Graduação apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Letras: Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas Literaturas (Licenciatura) da Universidade de Taubaté.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Cintra de Carvalho Pinto

Data: ____ / ____ / ____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr^a.: _____

Assinatura: _____

Professora Dr^a.: _____

Assinatura: _____

Professora Dr^a.: _____

Assinatura: _____

Professora Dr^a.: _____

Assinatura: _____

Dedico esta pesquisa a todos que contribuíram para a sua realização e aos professores que se beneficiarão dela futuramente.

AGRADECIMENTOS

À Prof. Dra. Adriana Cintra de Carvalho Pinto, pela contribuição dedicada a esta pesquisa e pelo comprometimento investido ao longo de nossas aulas, que serviram como grande inspiração e exemplo para minha formação como professora.

À Profa. Dra. Maria Aparecida Garcia Lopes Rossi, pela co-orientação, pela dedicação, pela persistência e pelo imenso carinho dedicados ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa.

À minha querida mãe, Telma Aparecida Agostinho de Castro, por ter me apoiado e incentivado diretamente ao longo dos anos de estudo até aqui, por ser um grande exemplo de dedicação e por acreditar em mim.

A meu padrasto, Carlos Eduardo Santos da Silva, pelo grande comprometimento dedicado à minha formação, pelo incentivo dedicado a mim e por me apoiar diretamente em cada passo que dou.

Enfim, a todos que de maneira direta ou indireta contribuíram para esta conquista.

RESUMO

A presente pesquisa apresenta o tópico gramatical Concordância Verbal como tema. Especificamente, constitui-se da apresentação de dados de uma pesquisa sobre análise linguística de Concordância Verbal nos 6º e 7º anos no Ensino Fundamental II a partir de habilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018). Tal trabalho visa contribuir para o processo de ensino e aprendizagem por meio de sugestões de atividades que abordem esse fenômeno linguístico com base em estudos linguísticos. A pesquisa se justifica pela existência de dois problemas: o primeiro, é a complexidade do tópico gramatical ao qual nos referimos e, o segundo, é a forma pouco detalhada com que os livros didáticos desenvolvem esse tópico. Diante disso, uma vez somados os problemas, a presente pesquisa tem como objetivo geral contribuir para o ensino do tópico gramatical Concordância Verbal a partir da elaboração de atividades de análise linguística que auxiliem o professor na construção conjunta com o aluno de um conhecimento gramatical mais abrangente e mais qualitativo a respeito da concordância verbal. Esse objetivo geral se divide em dois objetivos específicos: o primeiro é investigar o que a BNCC (BRASIL, 2018) recomenda a respeito do ensino desse assunto; e o segundo deles é propor atividades de análise linguística para 6º e 7º anos, sobre o tópico gramatical Concordância Verbal, para melhor conduzam os alunos a um conhecimento mais amplificado dos elementos constituintes do tópico e, também, de seus diferentes contextos de uso. Teoricamente esta pesquisa se fundamenta na gramática normativa da Língua Portuguesa, bem como nos estudos linguísticos que vem sendo desenvolvidos nas últimas décadas a respeito do ensino de aspectos gramaticais. Metodologicamente, é uma pesquisa qualitativa. Como resultados foram propostas atividades de análise linguística que mobilizam conhecimentos exigidos por 07 habilidades propostas pela BNCC (BRASIL, 2018), para os 6º e 7º anos, a respeito de aspectos da concordância verbal. Os principais conceitos teóricos subjacentes a essas habilidades são: norma padrão, variação linguística, uso da concordância verbal de acordo com a norma padrão e reconhecimento do verbo e de seus complementos na estrutura da oração. Concluiu-se que é possível propor atividades de análise linguística para as habilidades

propostas pela BNCC (BRASIL, 2018), mas para isso é necessário mobilizar alguns conhecimentos da classificação e da nomenclatura da gramática normativa e determinados conhecimentos desenvolvidos pela Linguística nas últimas décadas.

PALAVRAS-CHAVE: Concordância Verbal. Análise Linguística. BNCC. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This research presents the grammatical topic Verbal Concordance as a theme. Specifically, it consists of the presentation of data from a research on language analysis of Verbal Concordance in the 6th and 7th grades in Elementary School II from skills proposed by the Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018). This work aims to contribute to the teaching and learning process by suggesting activities that address this linguistic phenomenon based on linguistic studies. The research is justified by the existence of two problems: the first is the complexity of the grammatical topic to which we refer, and the second is the poorly detailed way in which textbooks develop this topic. Therefore, once the problems are added, the present research aims to contribute to the teaching of the Verbal Concordance grammar topic through the elaboration of linguistic analysis activities that help the teacher in the joint construction with the student of a broader grammatical knowledge and more qualitative about verbal agreement. This general objective is divided into two specific objectives: the first is to investigate what the BNCC (BRAZIL, 2018) recommends about the teaching of this subject; and the second is to propose 6th and 7th grade language analysis activities on the Verbal Concordance grammar topic, to better lead students to a broader knowledge of the constituent elements of the topic and also their different contexts of use. Theoretically this research is based on the normative grammar of the Portuguese language, as well as on the linguistic studies that have been developed in the last decades about the teaching of grammar aspects. Methodologically, it is a qualitative research. As results were proposed language analysis activities that mobilize knowledge required by 07 skills proposed by BNCC (BRASIL, 2018), for the 6th and 7th years, regarding aspects of verbal agreement. The main theoretical concepts underlying these skills are: standard norm, linguistic variation, use of verbal agreement according to the standard norm, and recognition of the verb and its complements in the sentence structure. It is concluded that it is possible to propose linguistic analysis activities for the skills proposed by BNCC (BRASIL, 2018), but for this, it is necessary to mobilize some knowledge of normative grammar classification and nomenclature and certain knowledge developed by Linguistics in the last decades.

KEYWORDS: Verbal Concordance. Linguistic Analysis. BNCC. Portuguese Language Teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
1.1 A concordância verbal na gramática normativa da Língua Portuguesa.....	12
1.2 A variação linguística na concordância verbal do Português Brasileiro.....	16
1.3 Críticas ao ensino de gramática e a proposta de “Análise Linguística”	21
2 A CONCORDÂNCIA VERBAL NA BNCC (BRASIL, 2018)	
2.1 Concepção de linguagem para a BNCC (BRASIL, 2018).....	26
2.2 A análise linguística e a concordância verbal na BNCC (BRASIL, 2018)..	28
3 ATIVIDADES DE ANÁLISE LINGUÍSTICA SOBRE CONCORDÂNCIA VERBAL	
3.1 Sugestões de atividades para a habilidade (EF69LP55).....	31
3.2 Sugestões de atividades para a habilidade (EF69LP56), (EF06LP06), (EF07LP06) e (EF07LP10).....	34
3.3 Sugestões de atividades para a habilidade (EF06LP04), (EF07LP04) e (EF07LP07).....	37
CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS.....	42

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa apresenta o tópico gramatical Concordância Verbal como tema. Especificamente, constitui-se da apresentação de dados de uma pesquisa sobre análise linguística de Concordância Verbal nos 6º e 7º anos no Ensino Fundamental II a partir de habilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018). Tal trabalho procura contribuir para o processo de ensino e aprendizagem com a atividades que tratem desse tema complexo e morfológicamente rico de forma mais completa que a habitual, a fim de promover aos alunos uma situação de aprendizagem que seja mais ampla e mais voltada para a compreensão do funcionamento desse aspecto linguístico.

O primeiro problema que justificou esta pesquisa foi a complexidade do tópico gramatical ao qual nos referimos. A Concordância Verbal é um assunto bastante extenso, que exige grande esforço não somente do aluno, mas também do professor durante o processo de ensino, visto a grande diferença existente entre a língua falada e a língua formal padrão da gramática normativa.

Outro problema encontrado é a forma com que os livros didáticos desenvolvem este tópico gramatical. Isto é, apesar de abordarem esse assunto, não o abordam de forma ideal. A Concordância Verbal não é apresentada tão detalhadamente quanto seria desejável, pelo contrário, a pequena quantidade de exercícios ainda não leva em conta os diferentes contextos de uso da língua, sendo ela falada ou escrita.

Pelo fato de o tema Concordância Verbal ser bastante complexo e o livro didático ser superficial com relação a esse assunto, um professor que queira complementar o livro didático se aprofundando mais na análise linguística da Concordância Verbal precisa elaborar ele próprio as suas atividades. Porém, é sabido que o professor lida com uma série de obstáculos enquanto realiza o seu trabalho, seja pela quantidade de aulas que precisa lecionar, pela falta de tempo devido a sua rotina cotidiana e também pela falta de material para consultar a respeito de determinados assuntos. Tais obstáculos, atualmente, tornam difícil a tarefa do professor de realizar atividades de análise linguística com base no que

vem sendo prescrito pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018).

Portanto, uma vez somados todos os problemas, a presente pesquisa tem como objetivo geral contribuir para o ensino do tópico gramatical Concordância Verbal a partir da elaboração de atividades de análise linguística que auxiliem o professor na construção conjunta com o aluno de um conhecimento gramatical mais abrangente e mais qualitativo. Esse objetivo geral se divide em dois objetivos específicos: o primeiro é investigar o que a BNCC (BRASIL, 2018) recomenda a respeito do ensino desse assunto; e o segundo deles é propor atividades de análise linguística para 6º e 7º anos, sobre o tópico gramatical Concordância Verbal, para melhor conduzam os alunos a um conhecimento mais amplificado dos elementos constituintes do tópico e, também, de seus diferentes contextos de uso.

Teoricamente esta pesquisa se fundamenta na gramática normativa da Língua Portuguesa no que diz respeito à Concordância Verbal, bem como nos estudos linguísticos que vêm sendo desenvolvidos nas últimas décadas, na área da Linguística Aplicada, a respeito do ensino de aspectos gramaticais. A prática de “análise linguística” tem sido proposta como alternativa ao antigo “ensino de gramática”.

Metodologicamente, é uma pesquisa qualitativa, de caráter documental na parte em que analisa a BNCC e de caráter bibliográfico na parte em que propõe atividades de análise linguística, a partir da fundamentação teórica.

Este trabalho se organiza em três partes. A primeira parte apresenta a fundamentação teórica da pesquisa. A segunda parte se constitui da análise da BNCC (BRASIL, 2018) com relação ao ensino do tópico gramatical Concordância Verbal. A terceira parte exhibe as propostas de atividades de análise linguística a respeito de Concordância Verbal para 6º e 7º anos. Tais partes são seguidas da conclusão e das referências da pesquisa.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção apresenta a fundamentação teórica sobre a concordância verbal, de acordo com a gramática normativa da Língua Portuguesa, bem como de acordo com estudos linguísticos que vêm sendo desenvolvidos nas últimas décadas a respeito do ensino de aspectos gramaticais, particularmente o que tem sido proposto como “análise linguística”, em vez de “ensino de gramática”.

1.1 A concordância verbal na gramática normativa da Língua Portuguesa

Para iniciar a reflexão a respeito da concordância verbal na gramática normativa do português brasileiro, devemos esclarecer qual definição de verbo se encontra nessa gramática. De acordo com Lima (2011, p. 168) o verbo “expressa um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres, ou em torno dos seres”. Segundo o autor, ele é a parte mais repleta de variações em sua forma ou em acidentes gramaticais, os quais “[...] fazem que ele mude de forma para exprimir cinco ideias: modo, tempo, número, pessoa e voz”. Já para Cunha e Cintra (2016, p. 393) o verbo é um vocábulo de forma variável e que exprime o que acontece em um determinado contexto temporal. Para os autores, ele “apresenta as variações de número, de pessoa, de modo, de tempo, de aspecto e de voz”.

Note-se que os autores apresentam certa semelhança em suas definições sobre o que são os verbos e suas características principais. Ambos apontam para a capacidade dos verbos de expressarem o que acontece, utilizando para isso de variações de modo, tempo, número, pessoa, voz e, para os últimos autores, em aspecto.

Quanto às variações de Modo, segundo Cunha e Cintra (2016) os modos verbais nada mais são do que as múltiplas formas nas quais o verbo se apresenta para indicar as diferentes atitudes da pessoa que fala em relação aos fatos que exprime, são eles: o Indicativo, que indica atitude de certeza; o Subjuntivo, que exprime desejos, possibilidades e dúvidas; e o modo Imperativo, cuja característica

é a de exprimir ordens e pedidos. Os verbos também podem se realizar em três formas nominais: o infinitivo, o particípio e o gerúndio.

O Tempo, para Lima (2011) informa se o que o verbo expressa está acontecendo num momento presente, num momento que já se passou (pretérito ou passado), ou acontecerá num momento futuro. Em concordância com tal análise dos tempos verbais, Cunha e Cintra (2016) e Lima (2011) ainda acrescentam que o presente é indivisível, mas o pretérito e o futuro subdividem-se no modo indicativo e no subjuntivo.

O quadro a seguir apresenta as possibilidades de tempo e modo das formas verbais do português.

Quadro 1: Modos e tempos do verbo no português

Modo	Tempos
Indicativo	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Presente: estudo ➤ Pretérito: <ul style="list-style-type: none"> - Imperfeito: estudava - Perfeito: estudei - Mais-que-perfeito: estudara ➤ Futuro: <ul style="list-style-type: none"> - Do presente: estudarei - Do pretérito: estudaria
Subjuntivo	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Presente: estude ➤ Pretérito: <ul style="list-style-type: none"> - Imperfeito: estudasse - Perfeito: tenha ou haja estudado - Mais-que-perfeito: tivesse ou houvesse estudado
Imperativo	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Presente: estuda (tu), estude (você), estudemos (nós), estuda (estuda), estudem (vocês)

Fonte: Cunha e Cintra (2016) e Lima (2011)

O verbo também apresenta variações de acordo com o Número e a Pessoa do discurso e concorda com o sujeito presente na oração, visto que o verbo, de acordo com Cunha e Cintra (2016), apresenta a capacidade de individualizar-se pela função de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional. Com relação às três pessoas do discurso, os autores explicam que a primeira é a que fala e relaciona-se aos pronomes pessoais eu (singular) e nós (plural); que a segunda é aquela a quem se fala e refere-se aos pronomes pessoais tu (singular) e vós (plural);

e a terceira pessoa do discurso é aquela de quem se fala e refere-se aos pronomes pessoais ele, ela (singular) e eles, elas (plural). Em resumo:

Quadro 2: Pessoas do discurso

1ª pessoa do singular	Eu	aquela que fala
2ª pessoa do singular	Tu	aquela para quem se fala
3ª pessoa do singular	Ele	aquela da qual se fala
1ª pessoa do plural	Nós	aqueles que falam
2ª pessoa do plural	Vós	aqueles para quem se fala
3ª pessoa do plural	Eles	aqueles dos quais se fala

Fonte: Cunha e Cintra (2016) e Lima (2011)

Dessas propriedades do verbo, são os morfemas flexionais de pessoa e número que estabelecem a concordância verbal entre o verbo e o sujeito. São essas propriedades, portanto, que interessam a esta pesquisa.

É importante nos atentarmos à maneira com que tais gramáticos se referem à gramática propriamente dita em suas obras, visto que apenas apresentam uma modalidade linguística formal ao nos demonstrar os conceitos normativos da Língua Portuguesa. Isso quer dizer que as gramáticas normativas acabam por desconsiderar aspectos importantes dos contextos de comunicação e da língua falada ao se fixarem apenas nos aspectos formais e padrões de uma modalidade da língua escrita.

A presente pesquisa aponta, então, para a situação conflituosa que a gramática normativa e os seus teóricos tendem a criar quando desconsideram a variedade comunicativa existente em nossa sociedade, tendo como maior representante dela a língua falada. Esse conflito entre a linguagem ideal que a gramática tende a recomendar e a linguagem real dos indivíduos falantes da língua não é de agora, porém, permanece atual e necessita ser discutido no ensino de Língua Portuguesa.

Vieira (2016) acredita que as gramáticas contemporâneas realizam um paradigma tradicional de gramatização (PTG). O autor assume o conceito de gramatização como um processo que promove o detalhamento e a instrumentalização da língua por meio da gramática normativa e de dicionários. Para o autor, o PTG se estabeleceu

[...] a partir de uma ramificação dos estudos linguísticos oriundos da filosofia grega clássica e se tornou o mentor teórico-metodológico e socioideológico do que tradicionalmente vem se entendendo por *gramática* desde os gramáticos alexandrinos da Antiguidade aos gramáticos normativos brasileiros de hoje. (VIEIRA, 2016, p. 22)

O autor afirma que, apesar de existirem muitas diferenças entre a chamada *Tēchnē Grammatikē*, de Dionísio Trácio (sec. I a.C.), e as novas gramáticas contemporâneas do português, há, na realidade, grandes semelhanças entre os estudos gramaticais da filosofia grega clássica e os estudos contemporâneos de gramática.

Para tanto, ele nos conduz à percepção de que a natureza das gramáticas constituintes do PTG tem a sua origem em um lugar comum, o que explica a existência de tantas similaridades entre elas. Reproduzindo características da gramática grega clássica, as gramáticas normativas do português caracterizam-se por: 1) tentar estabelecer um padrão linguístico ideal determinando supostas normas corretas e unilaterais de se empregar a língua; 2) compreender a língua de forma estruturalista, isto é, organizá-la considerando que a gramática, a norma e a língua em si são como objetos homogêneos e estáticos, sem considerar que aspectos interiores à linguagem, como as exceções em certas normas, e aspectos exteriores, como o contexto social em que a linguagem se realiza, possam ter influência sobre elas; 3) estabelecer diferenças de valor entre as variações linguísticas existentes em nossa sociedade, dando maior credibilidade à linguagem culta, que é utilizada pela camada dominante.

Mediante tais características, Vieira (2016) explica que os primeiros gramáticos normativos da história do Ocidente, os alexandrinos, foram os responsáveis por inaugurar não apenas a tradição prescritivo-normativa da gramática, mas também, o preconceito linguístico. Primeiramente, ao limitarem os estudos e conhecimentos linguísticos a permanecerem dentro das esferas da literatura clássica grega, os primeiros gramáticos de nossa história estabeleceram que havia uma forma correta de se comunicar, fosse pela escrita ou pela oralidade, o que nos leva ao segundo elemento inaugurado por eles, o preconceito linguístico.

Os alexandrinos, muito em função de acreditarem na ideia de uma língua ideal, decidiram por considerar a linguagem expressa nos poemas homéricos como a ideal, mesmo que estivessem conscientes de que aquela linguagem já não se

identificava com nenhum dos dialetos da sociedade grega da época. Eles reconheciam que a língua tinha sofrido mudanças e decidiram considerar tais variações negativas, colocando-as como contrárias à forma correta de fala e de escrita. Sobre tais considerações, o autor conclui que:

É desse modo que os eruditos alexandrinos inauguraram a tradição prescritivo-normativa e o preconceito linguístico nos estudos gramaticais (Bagno, 2009), dando as primeiras diretrizes epistemológicas e ideológicas do PTG. Isso acabou por constituir uma tradição milenar no Ocidente, responsável por nortear as concepções envolvidas no pensamento e na prática gramatical desde então. A *Tēchnē* grega foi traduzida e adaptada à *ars* latina e conservada e propagada pelos gramáticos latinos da Idade Média. Essa unidade greco-romana transpôs objetivos, ideologias, perspectivas teóricas, escolhas metodológicas e aparato categorial-conceitual ao contexto renascentista de ampliação do processo de gramatização para outras realidades linguísticas, dentre elas, o português. (VIEIRA, 2016, p. 22)

Uma vez que consideramos o processo de desenvolvimento do PTG, podemos compreender o motivo de até hoje existir em nossa sociedade o discurso de que há uma forma de se comunicar superior às outras variantes de nossa sociedade, e de que há a necessidade de tal linguagem superior vir dos grandes literatos do passado. Isso também nos possibilita esclarecer por que a visão de gramática reverberou por tanto tempo e, principalmente, porque se manteve quase sempre da mesma forma.

A partir de tais reflexões a respeito das gramáticas normativas e de seus aspectos contextuais, podemos entender que a gramática, desde a sua origem nos tempos de Dionísio Trácio, vem de um lugar distante da língua falada. E, por conta disso, essa modalidade de análise e de instrumentalização da língua não leva em consideração as variações linguísticas presentes na língua falada dos indivíduos da sociedade, pelo contrário, ela considera apenas a modalidade de língua formal e padronizada que está presente nos livros considerados clássicos. Tal dedução nos leva a questionar qual seria, então, real o lugar da gramática normativa em relação às variações linguísticas existentes.

1.2 A variação linguística na concordância verbal do Português Brasileiro

Para dar início à discussão a respeito das variações linguísticas presentes no português brasileiro, devemos nos atentar para o que de fato é a variação linguística e em que aspectos a língua pode variar. Camacho (1988), menciona que é insensato acreditar que a língua varia apenas de nação para nação, visto que nem mesmo as fronteiras políticas conseguem impedir que os membros das comunidades tenham graus de contato inconstantes. Isso quer dizer que “as diferenças entre os idiomas, que caracterizam e mesmo identificam os nativos de uma nação, estão longe de ser o único e mesmo principal fator da diversidade linguística”. Visto que a língua é um fator que definiu e define a identidade de diversos povos e nações ao longo da história, ela varia e se transforma não somente no espaço, mas também, no tempo.

Ainda assim, Camacho (1988) comenta que, apesar de membros de uma comunidade terem certa unidade em sua forma de se expressar, a língua ainda pode variar de acordo com o local no qual o indivíduo esteja situado, isto é, “podem-se identificar e distinguir dois falantes de uma mesma comunidade linguística, geograficamente falando, por suas características decorrentes de diferente nível cultural”. Essa constatação de Camacho (1988) nos leva a compreender que as diversidades de uma língua não se limitam a fatores temporais e espaciais, mas também a fatores sociais.

Ao nos depararmos com o âmbito social da variedade linguística dos indivíduos, devemos nos atentar também para a forma com que os aspectos culturais determinam as situações comunicativas dos falantes da língua. O autor comenta que não é possível limitar a diversidade linguística a relações interindividuais dos indivíduos, pois ao fazer isso, estaríamos a considerar que um indivíduo se utiliza das mesmas formas de expressão em qualquer tipo de contexto comunicativo no qual estivesse presente, o que não condiz com a realidade.

Uma vez que nos deparamos com o exposto pelo autor, somos conduzidos às quatro modalidades específicas de variação linguística que ele acredita serem necessárias para a compreensão desse fenômeno linguístico, são elas as variações histórica, geográfica, social e estilística:

Quanto à variação histórica, devemos lembrar que durante o processo histórico o movimento de variação da língua depende de uma variação antiga e de uma nova, e que há um movimento de substituição da antiga pela nova nas camadas da sociedade. Para o autor,

Condiciona-se o reconhecimento da variação histórica à observação de pelo menos dois estados sucessivos de uma língua. Sob essa consideração, é ocioso dizer que duas variantes diacrônicas a substituta e a substituída, a rigor não coexistem num mesmo plano temporal, uma vez que uma deve cair em desuso para que a outra sobreviva. (CAMACHO, 1988, p. 30)

Já com relação à variação geográfica, o autor comenta que numa comunidade relativamente extensa e em que todos os indivíduos falem o mesmo idioma, podemos encontrar variedades linguísticas que se apresentam na pronúncia dos sons do idioma, nas construções sintáticas, no tipo de vocabulário utilizado, etc. Camacho (1988) explica que

Essa diversidade linguística espacial decorre do fato de que nativos de determinada localidade (cidade, estado ou região), orientados para um centro cultural, política e economicamente polarizador, constituem uma comunidade linguística, geograficamente limitada, no interior de uma mais extensa (a nação), através do desenvolvimento de um comportamento cultural próprio que os identifica e os distingue de outras comunidades. (CAMACHO, 1988, p. 31)

Sobre a variação social, o autor nos apresenta a questão de que que é quase improvável que os membros de uma comunidade, que vieram de meios sociais e culturais diferentes, usem as mesmas formas de expressão. O autor segue o seu raciocínio comentando que, para que haja semelhança entre os falantes, é necessário um grau mínimo de intercâmbio entre eles e, quando cita a palavra intercâmbio, compreendemos que o autor se refere ao estabelecimento de certas relações interindividuais entre os falantes, as quais apresentam fatores de diversificação que contribuem para a variação linguística como a classe social, o grau de educação, a idade e também o sexo do indivíduo.

Por fim, quanto à variação estilística, Camacho (1988) comenta que mesmo ao observar indivíduos que tenham nascido e crescido no mesmo meio e que tenham tido as mesmas influências de tal meio, ainda assim é possível observar certas variações em suas formas de expressão de acordo com as situações e circunstâncias comunicativas em que se encontram. A variação aqui é concebida como um ajustamento do ato verbal em função da circunstância em que se produz. A partir disso, podemos compreender que cada ato linguístico tem um estilo específico que corresponde com o contexto de uso em que estamos inseridos. Segundo o autor

As variantes observadas num mesmo indivíduo, conforme se diversificam as circunstâncias em que se processa a atividade verbal

é o resultado da adequação de suas formas de expressão às finalidades específicas do ato condicionadas pela situação respectiva. Tal adequação decorre de uma seleção dentre o conjunto de formas que constitui o saber linguístico individual, de um modo mais ou menos consciente. Isso significa que o grau de reflexão sobre as formas de expressão varia de acordo com o grau de formalidade da situação em que o ato é produzido. (CAMACHO, 1988, p. 34)

Uma vez compreendido o que provoca o fenômeno da variação linguística, é preciso refletir a respeito de como o ensino de Língua Portuguesa tem tratado desse assunto. Em seu artigo, Mattos e Silva (1995) aponta para a necessidade de o ensino de Língua Portuguesa dar atenção à variação existente no português ao citar diversas pesquisas que tratam desse assunto. A autora explica que:

Tanto os fatos que marcam classes sociais quanto os gerais que causam problemas na aquisição da ortografia pelos alunos têm que ser conscientizados pelos professores, no seu processo de formação profissional, para deles tornarem seus alunos conscientes e para, é claro, uma maior eficiência de sua atuação. (MATTOS E SILVA, 1995, p. 60)

Então, podemos entender que cabe ao professor ter em mente os fatores que levam o seu aluno a ter as características discursivas que tem e, apenas ao se atentar para tais fatores e então construir o seu caminho de ensino a partir disso é que ele poderá ser capaz de desempenhar o seu trabalho de forma eficaz e positiva.

Em seguida, a autora volta-se para os estudos relacionados às variações sintáticas e aos seus reflexos no português brasileiro. Segundo ela, o paradigma pronominal do qual geralmente são constituídas as gramáticas normativas, e que é o que a escola pretende transmitir, passou por uma reestruturação na qual tanto a estrutura do pronome-sujeito quanto a flexão verbal número-pessoa se reduziram e, agora, ao invés de seis pessoas flexionais distintas, temos quatro. Para exemplificar o que a autora nos explica, segue o quadro:

Quadro 3: Paradigma Pronominal Antigo x Paradigma Pronominal atual

Eu	Lembro	Eu	Lembro
Tu	Lembras	Você/a gente	Lembra
Ele	Lembra	Ele	Lembra
Nós	Lembramos	Nós/a gente	Lembramos
Vós	Lembraís	Vocês	Lembram
Eles	Lembram	Eles	Lembram

Fonte: Mattos e Silva (1995)

A autora aponta ainda para outro sistema de variação da língua ainda mais simplificado que surgiu ao longo do tempo, o qual seria próprio de falantes não escolarizados situados principalmente nas regiões rurais do país. Nesse sistema, apenas estão presentes a forma que se refere apenas à primeira pessoa, isto é, o falante, e a forma que se refere aos outros, com ou sem a presença do falante. De acordo com a autora, esse sistema comunicativo comum na fala de muitos brasileiros funciona assim:

Quadro 4: Sistema Linguístico de falantes não escolarizados

Eu	Lembro	Eu	alembro
Tu	Precisas	Você/a gente	precisa
Ele	Lembra	Ele	Lembra
Nós	Plantamos	Nós/a gente	Pranta
Vós	Lembrais	-	-
Eles	Tiram	Eles	Tira

Fonte: Mattos e Silva (1995)

A autora nos explica que a existência dos três sistemas linguísticos expostos anteriormente causa problemas a serem resolvidos ao ensino. Mattos e Silva (1995, p. 63) afirma que “ao professor caberá conhecer esses três sistemas e reconhecer o que é corrente na fala de seus alunos”, isto é, ao tomar consciência do sistema linguístico do aluno, o docente poderá encontrar um caminho para criar ambiente favorável à aprendizagem da norma padrão de forma que o aluno tenha as chamadas alternativas de comunicação que já foram anteriormente citadas por Camacho (1988).

A respeito da Concordância Verbal, Mattos e Silva (1995) comenta que existem estudos que explicam como a variação da concordância tem acontecido nos últimos anos. Segundo ela, os estudos indicam que “a aplicação da regra, [...] cresce dos contextos “menos salientes” para os “mais salientes”. E admitem, ainda, que “os dois tipos de concordância, verbo-nominal e nominal, passam por um processo de mudança sintática na direção de um sistema sem concordância”. A autora ainda nos apresenta outra pesquisa que demonstra como em um mesmo grupo social a questão do ganho ou da perda da regra pode variar de acordo com a orientação social, mercado de trabalho e a escolaridade dos indivíduos. Portanto, num mesmo

grupo podem coexistir indivíduos que vão em direção da perda da regra e indivíduos que seguem em direção do ganho da mesma. É necessário salientar que é importante os professores conhecerem todos esses fatores que rodeiam o seu trabalho, e Mattos e Silva (1995) ainda afirma que:

Em linhas muito gerais, assim se apresenta a questão da variação da concordância no português brasileiro corrente. A consciência dessa realidade permite um trabalho mais eficaz na sala de aula em que não se deve desconsiderar as variações correntes, nem exigir, sem explicação, a concordância categórica, como preconizada pela norma prescritiva. (MATTOS E SILVA, 1995, p. 66)

É preciso mencionar que, a partir do desenvolvimento dos estudos linguísticos, começaram as críticas ao antigo ensino de gramática na escola, que ocasionaram em um movimento de mudanças na visão que se tinha do paradigma tradicional do ensino de gramática. Na sessão seguinte dessa pesquisa, discutiremos a respeito de tais críticas e, principalmente, a respeito de seus efeitos na prática real do ensino de Língua Portuguesa.

1.3 Críticas ao ensino de gramática e a proposta de “análise linguística”

Quando o assunto são as críticas ao ensino tradicional de gramática normativa nas escolas, não podemos deixar de mencionar o linguista João Wanderley Geraldi, que foi o primeiro autor a criticar realmente o ensino de gramática focado apenas na lógica da norma padrão, em 1984. Devemos ter em mente que, naquela época, os estudos linguísticos estavam começando a se voltar para as questões de variações linguísticas, para a influência do contexto social no aprendizado da língua, bem como para a possibilidade da centralidade do texto no ensino. Por esse motivo, Geraldi (1984) foi e é importante para as discussões da Linguística Aplicada desde aquela época.

O autor afirma que, antes de dar início as reflexões sobre o ensino de gramática nas escolas, é preciso entender quais são as questões prévias a ele, para que então seja possível estabelecer um caminho para o aprendizado dos alunos. Ele acredita que as questões que devem nortear o ensino são “para que ensinamos o que ensinamos?” e “para que as crianças aprendem o que aprendem?” (GERALDI, 1984, p. 42) e afirma, ainda, que, a partir das respostas para tais questões, é que será possível estabelecer uma perspectiva de linguagem e de ensino da mesma.

Para Geraldi (1984), a perspectiva de linguagem mais adequada a ser adotada é a perspectiva em que a linguagem é uma forma de enunciação, isto é, por meio dela o sujeito que fala realiza ações que não realizaria se não estivesse falando, o emissor estabelece vínculos com o ouvinte que não poderiam ser estabelecidos sem que houvesse a fala, portanto, a linguagem é um meio interativo entre os indivíduos. A respeito do ensino a partir de tal perspectiva, Geraldi (1984, p.43) comenta: “Acredito que esta concepção implicará numa postura educacional diferenciada, uma vez que situa a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos”.

O autor acredita que essa perspectiva coloca o professor no papel inevitável de agente, uma vez em que tal perspectiva direciona o ensino a estudar a linguagem em seu pleno funcionamento. Porém, ele também procura refletir a respeito da dificuldade de se trabalhar dessa forma quando há variedades não só linguísticas, mas também sociais e culturais dentre os alunos. Podemos deduzir, então, que a necessidade que o professor tem de ajustar a sua metodologia de ensino às adversidades dos alunos não é somente atual, mas que é na verdade uma necessidade histórica de nossa profissão.

Ao refletir sobre as consequências da variedade linguística dos alunos, Geraldi (1984) acaba por deduzir que cabe ao professor ter em mente que o seu conteúdo deve servir como oportunidade para que seu aluno consiga dominar mais de uma forma de se expressar, que no caso seria o dialeto padrão, a fim de que no final do processo de ensino e aprendizagem o aluno mantivesse as suas características comunicativas culturais próprias e, também, o domínio da norma.

A partir desse ponto, o autor faz críticas à maneira como a escola tenta ensinar a forma padrão da língua para estudantes que sequer têm o seu conhecimento e, menos ainda, seu domínio. Segundo o autor, a escola faz essa tentativa por meio de exercícios de descrição gramatical, estudos focados em regras e hipóteses nada significativas de análises de problemas que nem mesmo profissionais se sentem seguros para responder. Ele critica, também, os livros didáticos por serem constituídos de páginas e páginas de conjuntos verbais, tempos e modos sobre os quais os alunos não tem conhecimento de seus usos reais. Para ele:

[...] uma coisa é saber a língua, isto é, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados, percebendo as diferenças entre uma forma de expressão e

outra. Outra coisa é saber analisar uma língua dominando conceitos e metalinguagens a partir dos quais se fala sobre a língua, se apresentam suas características estruturais e de uso. (GERALDI, 1984, p.47)

O autor foi o primeiro a se referir a uma nova forma de ensinar aspectos gramaticais da língua como estudos de “análise linguística”. Ao fazer isso, ele não apenas visava mudar o nome das aulas de gramática, mas também visava mudar a concepção do ensino de Língua Portuguesa em si. A partir da mudança, o ensino não mais deveria ser focado na análise lógica entre as palavras, na classificação e na nomenclatura, mas sim na análise dos sentidos que cada palavra carrega de acordo com os seus contextos de uso. A respeito desse tipo de ensino, o autor faz uma série de considerações que nos permitem compreender como as atividades de análise linguística devem ser desenvolvidas. São elas:

- a) a análise linguística que se pretende partirá não do texto “bem escrito”, do bom autor selecionado pelo “fazedor de livros didáticos”. Ao contrário, o ensino gramatical somente tem sentido se for para auxiliar o aluno e por isso partirá do texto do aluno;
- b) a preparação das aulas de prática de análise linguística será a própria leitura dos textos produzidos pelos alunos nas aulas de produção dos textos;
- c) para cada aula de prática de análise linguística, o professor deverá selecionar apenas um problema; de nada adianta enfrentar todos os problemas que podem acontecer num texto produzido por nossos alunos;
- d) fundamentalmente, a prática de análise linguística deve se caracterizar pela retomada do texto produzido na aula de produção (segunda-feira, no horário proposto) para reescrevê-lo no aspecto tomado como tema da aula de análise;
- e) o material necessário para as aulas de prática de análise linguística: os Cadernos de Redações dos alunos; um caderno para anotações; dicionários e gramáticas;
- f) em geral, as atividades serão em pequenos grupos ou em grande grupo;
- g) fundamenta esta prática o princípio “partir do erro para a auto correção”. (GERALDI, 1984, p. 63)

Louzada (1994) também afirma que a função da escola conduzir a criança a conquistar e praticar a língua padrão, já que é pelo uso dela que a criança será aceita socialmente e será capaz de ter acesso à tradição escrita. A autora esclarece que, em seu ponto de vista, a norma nada mais é do que um uso linguístico correspondente ao dialeto social praticado pela classe de maior prestígio e, também, a atitude que tal classe espera que as pessoas tenham, realizem, ou digam em determinadas circunstâncias.

A autora alega que a escola acaba por endossar os preconceitos linguísticos e as discriminações sociais que existem entre os indivíduos quando apresenta a ideia de que:

[...] as crianças que ocupam os bancos da escola pública vêm dos mais diferentes segmentos da sociedade, de diversas regiões, com experiências linguísticas bastante diferenciadas, trazendo para a escola as variedades desprestigiadas do português. Desconsiderando tudo isso, a escola trata-as, indiscriminadamente, como aos alunos da década de 60, "os eleitos", e despeja sobre elas um cem número de informações que ela desconhece. (LOUZADA, 1994, p. 13)

Para Louzada (1994), a solução para essa situação seria a de instrumentalizar as crianças com o conhecimento não apenas da existência, mas, também, do funcionamento das variações linguísticas. Assim, a autora acredita na possibilidade de as crianças desenvolverem maior sensibilidade a respeito da questão e, a partir disso, terem maior autonomia ao se expressar utilizando as variações de acordo com os seus melhores contextos de uso.

Ignácio (1993) também faz críticas ao ensino de gramática focado na norma tradicional e padrão da época por conta de existir um grande hiato entre as pesquisas linguísticas, consideradas fundamentais por ele, e a realidade do ensino de Língua Portuguesa nas escolas brasileiras.

Segundo o autor, a escola de 1º e 2º graus está perdida no tempo e no espaço em função de que os professores foram orientados a esquecer do ensino tradicional de gramática da Língua Portuguesa, mas não receberam de forma adequada em sua formação os métodos e as técnicas das quais as teorias linguísticas são constituídas. Ele apresenta a situação problemática em que os professores se encontram quando terminam suas graduações e partem para a realidade do ensino, deparando-se com o confinamento em sala de aula. Para Ignácio (1993), o que resta ao professor é tomar atitudes como:

(i) apego ao livro didático, que, normalmente, nada acrescenta ao ensino tradicional, além de ser confuso e incoerente e, paradoxalmente, inacessível aos alunos, seja pelo alto preço, seja pela linguagem sofisticada; (ii) tentativa de aplicar, equivocadamente, as teorias "salvadoras" que, seja por estarem mal-assimiladas, seja pelo emprego de metalinguagens antipedagógicas, acabam-se tornando um complicador a mais; (iii) uma atitude comodista, no sentido de conduzir o ensino segundo as intuições ou conveniências individuais. (IGNACIO, 1993, p. 34)

Para o autor, a causa da situação problemática que o professor se encontra está situada justamente no vazio entre a teoria e a prática, o que julga ser responsabilidade das instituições que produzem e veiculam os estudos linguísticos.

Sobre o ensino de gramática, o autor acredita que a maneira tradicional tem sido motivo de terror para os alunos, e conseqüentemente tem provocado a aversão dos mesmos pelo aprendizado de Língua Portuguesa. Para ele, a responsabilidade desse problema é dos métodos utilizados para o ensino da língua. Os conteúdos das aulas podem voltar-se aos sentidos criados pelo uso da língua, focalizando em seus objetivos. Segundo o autor:

Dessa forma, todo tipo de exercício que vise à compreensão, à análise, à assimilação das estruturas básicas da língua, estará, necessariamente, operando com os níveis fonético-fonológico, morfológico, semântico e sintático, levando-se sempre em conta a dimensão pragmática. Queremos dizer, com isso, que a importância da análise sintática não está em se fazer a análise pela análise, mas sim em fazê-la voltar-se sempre para o objetivo principal que é permitir o domínio da língua como um todo. (IGNACIO, 1993, p. 39)

Mendonça (2006) explica que os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998) adotaram a análise linguística como uma alternativa complementar às práticas de ensino de leitura e de produção de textos, pois ela possibilita uma reflexão consciente sobre os fenômenos linguísticos que possibilitam a formação de pessoas capazes de agir com autonomia e segurança ao utilizarem suas expressões discursivas. A análise linguística foi proposta nesse documento como instrumento para as pessoas ampliarem seus conhecimentos linguísticos tendo em vista propósitos linguísticos variados de acordo com a situação em que estejam inseridas.

A autora afirma que o conceito da análise linguística não elimina o trabalho com a gramática em sala de aula, uma vez que a gramática faz parte do conjunto de aspectos que constituem a língua. E ela também afirma que não há como refletir ou usar a língua sem a gramática. Para ela, “a AL engloba, entre outros aspectos, os estudos gramaticais, mas num paradigma diferente, na medida em que os objetivos a serem alcançados são outros” (MENDONÇA, 2006, p. 206)

A autora segue com suas reflexões e discorre sobre como, em uma perspectiva de língua sociointeracionista, a análise linguística faz parte dos três eixos do ensino de língua. Ela apresenta a ideia de que quando se assume tal ponto de vista, estudar os recursos linguísticos por eles mesmos não mais faz sentido, já que a proposta da análise linguística se situa justamente no estudo dos recursos

linguísticos em contraste com os seus objetivos de uso no momento presente em que tais recursos são utilizados, seja em situações de produção escrita dos alunos, seja em situações de leitura ou até em situações de comunicação oral. Para Mendonça (2006, p. 206), o importante é “refletir sobre elementos e fenômenos linguísticos e sobre estratégias discursivas, com o foco nos usos da linguagem”.

É interessante dizer que essa proposta de “análise linguística” também foi adotada pela BNCC (BRASIL, 2018), o que nos leva ao aprofundamento sobre qual seria então a concepção de linguagem que o documento carrega, e também sobre como ela prescreve sobre a forma como o professor deve transmitir os conteúdos presentes nela. É o que será abordado na próxima seção.

2 A CONCORDÂNCIA VERBAL NA BNCC (BRASIL, 2018)

Esta seção tem o objetivo específico de investigar o que a BNCC (BRASIL, 2018) recomenda a respeito do ensino de concordância verbal, no que se refere ao eixo da Análise Linguística /Semiótica. Assim, realiza-se o primeiro objetivo específico desta pesquisa.

2.1 Concepção de Linguagem para a BNCC (BRASIL, 2018)

A proposta que a BNCC (BRASIL, 2018) adota para as aulas de Língua Portuguesa se insere numa concepção enunciativo-discursiva de linguagem, já adotada em outros documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998), pela qual a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua História” (BRASIL, 1998, p. 20). Isso significa que a linguagem, mesmo que seja dividida por fins de organização, não deve ser encarada como individual, mas sim como um conjunto de representações coletivas de sentido que proporcionam as chamadas situações comunicativas.

Essa perspectiva amplificada de linguagem possibilita que professores possam trabalhar com seus alunos aspectos variados dos contextos de uso da linguagem, bem como dos processos de produção e de compreensão semiótica em

situações comunicativas. O ensino deve conferir ao educando capacidades que lhe permitam sobreviver em sociedade, seja enviando cartas ou e-mails, seja escrevendo poemas ou artigos de opinião. O importante é que o seu processo de letramento seja abrangente de forma a realmente lhe garantir habilidades comunicativas multiletradas.

Essa concepção de linguagem adotada por esses dois documentos reflete o desenvolvimento dos estudos linguísticos das últimas décadas e o reconhecimento de que o mundo atual exige práticas de linguagem muito diversificadas.

A proposta compreendida pela BNCC (BRASIL, 2018) considera que existem eixos de integração entre as diferentes práticas de linguagens, sendo eles: Oralidade, Leitura/Escrita, Produção (Escrita e Multissemiótica) e Análise Linguística /Semiótica. Esse documento também certifica que tal consideração não deve ser vista como uma forma de dividir as práticas linguísticas de forma radical. Essa divisão entre os eixos linguísticos deve ser vista como uma forma de estabelecer etapas para o conhecimento, a fim de que durante o processo de aprendizagem o estudante tenha um repertório rico de habilidades linguísticas e, portanto, comunicativas.

Então, mesmo que haja divisórias entre tais eixos, ao ensinar Língua Portuguesa, os professores devem comunicar aos alunos que esses eixos, na verdade, apresentam uma relação significativa entre si. E, quando nos voltamos ao eixo de Análise Linguística/Semiótica, podemos perceber que muitos dos aspectos linguísticos (sejam eles gramaticais ou semânticos) vão compor os textos orais ou escritos e se adequar para que assim se encaixem melhor na proposta de objetivo para a qual aquele texto foi idealizado. Na produção e compreensão de qualquer gênero discursivo caberá ao professor auxiliar o aluno a analisar essa dinâmica linguística dos diferentes usos e objetivos dos aspectos linguísticos.

Dentro dessa perspectiva de linguagem, o ensino tradicional de língua focado nos aspectos gramaticais se torna insuficiente. Essa percepção começou a ser discutida no Brasil a partir de teóricos como Geraldi (1984) e outros mencionados na seção 1.3 desta pesquisa. E fica claro que a BNCC (BRASIL, 2018) incorporou a discussão realizada nas últimas décadas da Linguística.

As atividades defendidas por tal concepção de linguagem evidenciam a centralidade dos textos no processo de aprendizagem, assumindo-se que, para

maior aproveitamento da aprendizagem linguística, o trabalho com os textos deve ser contextualizado. Deve ser apresentado ao aluno aquilo que se entende como o contexto de produção do texto: o seu autor, o seu público alvo, o seu objetivo, o seu lugar de produção, bem como o seu tempo de circulação. A centralidade do texto proporciona ao estudante diversos instrumentos para realizar a devida compreensão dos contextos de uso das diferentes linguagens que existem ao seu redor e dos efeitos de sentido que os recursos linguísticos proporcionam.

2.2 A Análise Linguística e a Concordância Verbal na BNCC (BRASIL, 2018)

Como mencionado anteriormente, a BNCC (BRASIL, 2018) aborda o ensino de língua de forma a contextualizar o processo de ensino e aprendizagem através de divisões do currículo como os eixos de integração das áreas da linguagem. Além de tais eixos, existem, também, os Campos de Atuação, categoria utilizada para organizar os conteúdos das práticas de linguagem do currículo – a leitura de textos, a produção de textos, a oralidade e a análise linguística/semiótica.

A BNCC (BRASIL, 2018) estabelece que as barreiras existentes entre os campos são tênues e, por este motivo, expõe que é necessário que consideremos a possibilidade de que os campos se interseccionem durante o ensino, isto é, de que em certas ocasiões os gêneros trabalhados por um campo possam também fazer referência a outro campo de atuação. Ainda sobre esse assunto, a BNCC (BRASIL, 2018) indica que:

[...] o mais importante a se ter em conta e que justifica sua presença como organizador do componente é que os campos de atuação permitem considerar as práticas de linguagem – leitura e produção de textos orais e escritos – que neles têm lugar em uma perspectiva situada, o que significa, nesse contexto, que o conhecimento metalinguístico e semiótico em jogo – conhecimento sobre os gêneros, as configurações textuais e os demais níveis de análise linguística e semiótica – deve poder ser revertido para situações significativas de uso e de análise para o us. (BRASIL, 2018, p. 85).

Portanto, podemos compreender que tal divisão por campos apresenta caráter didático. Essa organização permite que o ensino seja centralizado em contextos de grande significação para os alunos, uma vez que, assim como o próprio nome diz, a categoria dos campos de atuação se propõe a transmitir os conteúdos do currículo tendo como foco as situações de uso de tais conteúdos. Os

campos de atuação se dividem em cinco: nos anos iniciais do Fundamental o Campo da vida cotidiana, o Campo artístico-literário, o Campo das práticas de estudo e pesquisa, o Campo jornalístico-midiático e o Campo de atuação na vida pública, sendo que os dois últimos são trabalhados de forma conjunta nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com a denominação de Campo da vida pública.

A partir da perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem em que a BNCC (BRASIL, 2018) se baseia, e da maneira com a qual esse documento se organiza, são estabelecidas determinadas competências e habilidades que os alunos devem desenvolver uma vez que entrem em contato com o ensino proposto pelo documento. Tais competências e habilidades são apresentadas em uma divisão de seis blocos: 1º ao 5º ano; 1º e 2º anos; 3º ao 5º ano; 6º ao 9º ano; 6º e 7º anos; e 8º e 9º anos.

Esta pesquisa se propõe a analisar apenas as habilidades voltadas à Análise Linguística da Concordância Verbal que estão listadas no bloco referente ao Ensino Fundamental II, 6º e 7º anos. Essas habilidades estão listadas a seguir.

O documento estabelece que para o bloco dos anos finais do Ensino Fundamental, 6º ao 9º ano, as habilidades de análise linguística a serem desenvolvidas em todos os campos de atuação são:

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada. (BRASIL, 2018, p. 161)

Para o 6º ano especificamente, a BNCC prescreve que os alunos devem:

(EF06LP04) Analisar a função e as flexões de substantivos e adjetivos e de verbos nos modos Indicativo, Subjuntivo e Imperativo: afirmativo e negativo.

(EF06LP06) Empregar, adequadamente, as regras de concordância nominal (relações entre os substantivos e seus determinantes) e as regras de concordância verbal (relações entre o verbo e o sujeito simples e composto).

(EF06LP11) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: tempos verbais, concordância nominal e verbal, regras ortográficas, pontuação etc. (BRASIL, 2018, p. 171 e 173)

Para o 7º ano, recomenda-se que os alunos ajam de forma a:

(EF07LP04) Reconhecer, em textos, o verbo como o núcleo das orações.

(EF07LP06) Empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos.

(EF07LP07) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, a estrutura básica da oração: sujeito, predicado, complemento (objetos direto e indireto).

(EF07LP10) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: modos e tempos verbais, concordância nominal e verbal, pontuação etc.

A partir da observação das competências prescritas pela BNCC (BRASIL, 2018), podemos identificar que, nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental II, o assunto Concordância Verbal tem mais ênfase que nos dois últimos anos desse bloco de ensino. Nesse primeiro ano (6º ano), os principais conceitos teóricos subjacentes a essas habilidades são: norma padrão, variação linguística, uso da concordância verbal de acordo com a norma padrão. As habilidades propostas por esse documento envolvem conhecimentos que podem ser trabalhados em atividades de uso da língua, sem exigir do aluno conhecimentos de nomenclatura e classificação da gramática normativa.

Também podemos identificar que no 7º ano, no que se refere à Concordância Verbal, existem aspectos bastante complexos a serem trabalhados, envolvendo modos e tempos verbais e reconhecimento do verbo e de seus complementos na estrutura da oração. Conclui-se que é possível propor atividades de análise linguística para as habilidades propostas pela BNCC (BRASIL, 2018), mas para isso é necessário mobilizar alguns conhecimentos da classificação e da nomenclatura da gramática normativa, além dos conhecimentos desenvolvidos pela Linguística nas últimas décadas, apresentados na seção 1.

A seção a seguir sugere algumas atividades de análise linguística sobre concordância verbal que mobilizam as habilidades mencionadas pela BNCC (BRASIL, 2018).

3 ATIVIDADES DE ANÁLISE LINGUÍSTICA SOBRE CONCORDÂNCIA VERBAL

Esta seção apresenta propostas de atividades de análise linguística sobre o tópico gramatical Concordância Verbal, visado a oferecer um material para as aulas de Língua Portuguesa que contribua para um conhecimento mais amplificado sobre

esse tópico gramatical, considerando seus diferentes contextos de uso, efeitos de sentido, propriedades linguístico-discursivas. Dessa forma, realiza-se o segundo objetivo específico desta pesquisa.

As sugestões serão apresentadas de acordo com as habilidades da BNCC (BRASIL, 2018) e fundamentadas nos textos teóricos e nos conceitos apresentados na seção 2 deste trabalho.

3.1 Sugestões de atividades para a habilidade (EF69LP55)

O documento estabelece que, para o bloco dos anos finais do Ensino Fundamental, 6º ao 9º ano, a habilidade de análise linguística (EF69LP55) a ser desenvolvidas em todos os campos de atuação é:

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

É preciso que o professor desenvolva atividades que possam contribuir para que o conhecimento seja construído entre professores e alunos de forma abrangente e significativa. Seguem algumas sugestões.

➤ Apresentação do Conceito de variedades da língua falada

Objetivo:

Nessa etapa, o objetivo principal do professor é estabelecer uma conversa com os alunos que, primeiramente, os apresente à existência de variações na maneira de comunicação dos indivíduos e os fatores que a possibilitam, e que, posteriormente, conduza os alunos a refletir sobre seus conhecimentos prévios a respeito desse tema.

Palavras chave: língua falada, idade, escolaridade, contexto, região, tempo.

Propostas de Atividades:

1. Atividade Teatral:

- O professor e os alunos listam juntos uma série de situações comunicativas que são diferentes entre si, por exemplo: dois amigos adolescentes se encontrando depois de muito tempo; um senhor adulto, escolarizado, solicitando informações a um médico.
- A atividade teatral se inicia quando os alunos, divididos em grupos, encenam as situações listadas. É preciso que essa atividade seja um momento para que os

alunos usem a sua imaginação e tenham o auxílio do professor para explorar de forma abrangente as características da fala adequada a cada situação comunicativa.

2. Coletando Percepções:

- Os alunos devem, a partir da experiência da atividade teatral, escrever sobre como tiveram de se comportar em cada uma das situações, resgatando as suas diferenças e analisando os fatores que as tornam diferentes.

3. Atividade Virtual:

- Divididos em grupos, os alunos devem procurar no Youtube vídeos de diferentes contextos de uso da língua como: entrevistas em programas de TV, entrevistas em lugares públicos, vídeos com a presença de pessoas de diferentes regiões do país, vídeos com pessoas do campo e da cidade, etc.

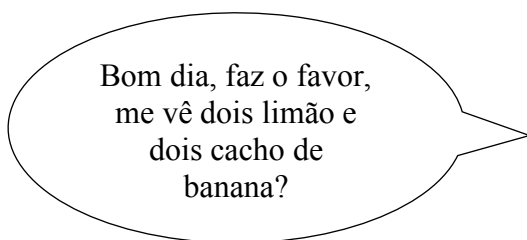
- Enquanto assistem aos vídeos, os alunos devem listar as principais características de cada tipo de situação comunicativa e procurar encaixar qual o fator de variação da língua mais se relaciona com o tipo de situação comunicativa encontrado por eles.

- Os grupos devem então apresentar para a turma o vídeo escolhido por eles e as informações que conseguirem captar.

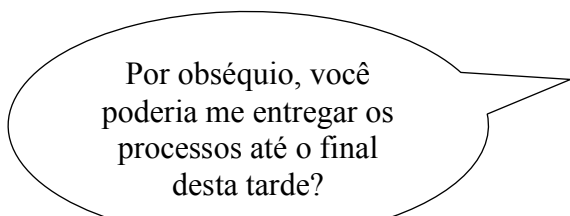
4. Será que está adequado?

- Os alunos devem, a partir da experiência da atividade com os vídeos, completar a folha a seguir colocando em que contexto de uso as variedades linguísticas apresentadas se adequam mais.

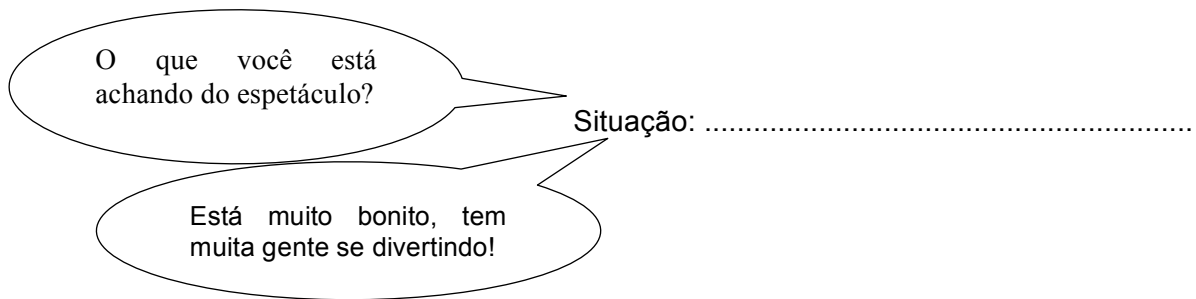
- 1) Observe os balões de fala e, a partir dos conhecimentos trabalhados em sala, indique situações em que a variação da língua melhor se encaixa.



Situação:



Situação:



➤ **Apresentação do Conceito de Preconceito Linguístico e norma-padrão**

Objetivo:

Nessa etapa, é importante que o professor revise com os alunos a questão da variedade linguística e, então, comente com eles sobre a forma com que essa variedade foi vista ao longo do tempo em nossa sociedade e, principalmente, no âmbito escolar. O conceito de norma-padrão entra no comentário porque é a variedade da língua aprendida, principalmente, na escola e é aquela com a qual as variedades populares da língua falada são comparadas. E o que acontece com as pessoas que não dominam bem a norma-padrão, por não terem tido acesso a uma boa escolaridade? É preciso que os alunos pensem em situações em que sofreram ou praticaram o preconceito linguístico ou que viram isso acontecer com alguém.

O interessante é que, ao final das atividades, os alunos percebam que não existem variedades linguísticas superiores, inferiores, certas ou erradas, mas sim, variedades que se adequam mais e menos a certas situações comunicativas. Também é interessante que percebam que, da forma como a sociedade está estruturada, as pessoas que dominam a norma-padrão têm mais facilidade de comunicação e acesso a benefícios que se podem conquistar na vida. Os alunos devem ser estimulados a dar exemplos disso.

Palavras chave: Norma-padrão, preconceito linguístico, adequação, contexto.

Propostas de Atividades:

5. Eu já vi:

- O professor divide os alunos em grupos e em ordem numérica. Em seguida, pede para que os estudantes decidam entre si dois componentes de seus grupos que se responsabilizem por escrever, em ao menos um parágrafo, uma

síntese das discussões realizadas pela turma. O professor, então, explica aos alunos que os demais integrantes dos grupos devem passar por todos os grupos, durante cinco minutos em cada um, a fim de trocarem suas experiências e seus conhecimentos a respeito do tema do preconceito linguístico refletindo sobre os efeitos desse fenômeno e, uma vez terminado o ciclo, que eles devem auxiliar seus parceiros durante a escrita do parágrafo que entregarão ao professor.

3.2 Sugestões de atividades para a habilidade (EF69LP56), (EF06LP06), (EF07LP06) e (EF07LP10)

Ainda para os anos finais do Ensino Fundamental, 6º ao 9º ano, a habilidade de análise linguística (EF69LP56) a ser desenvolvida em todos os campos de atuação é a seguinte:

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada. (BRASIL, 2018, p. 161)

Essa habilidade guarda relação com as quatro seguintes, que a BNCC prescreve para o 6º ano e para o 7º ano, respectivamente:

(EF06LP06) Empregar, adequadamente, as regras de concordância nominal (relações entre os substantivos e seus determinantes) e as regras de concordância verbal (relações entre o verbo e o sujeito simples e composto).

(EF06LP11) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: tempos verbais, concordância nominal e verbal, regras ortográficas, pontuação etc. (BRASIL, 2018, p. 171 e 173)

(EF07LP06) Empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos.

(EF07LP10) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: modos e tempos verbais, concordância nominal e verbal, pontuação etc.

➤ **Comparação entre o que a norma padrão prescreve e o que realmente se fala ou escreve:**

Objetivo:

Nessa etapa, é importante que as atividades se voltem principalmente à habilidades de reflexão do uso das regras da norma padrão de forma consciente e de emprego adequado das regras de Concordância Verbal relacionadas a seus contextos. Para isso, é necessário que o aluno seja estimulado a observar as diferenças existentes entre as variações linguísticas que o rodeiam e os aspectos sociais ou mesmo temporais que caracterizam cada uma e também seja estimulado a usar de forma consciente os conhecimentos gramaticais que foram transmitidos a ele.

É preciso salientar que o professor deve manter os alunos cientes de que as variações existem e não devem ser desprezadas, e que o conhecimento da norma padrão funciona como uma ferramenta comunicativa que permite ao aluno mais possibilidades comunicativas em nossa sociedade.

Palavras chave: Norma-padrão, língua que se fala.

Propostas de Atividades:

6. Qual a diferença?

- Por meio de exercícios organizados como os quadros a seguir, a presente pesquisa sugere que o professor inicie essa etapa realizando exercícios de comparação entre aquilo que a gramática normativa prescreve como a maneira correta de se falar e escrever, e aquilo que realmente acontece em nossos contextos cotidianos de comunicação. Observe que existem lacunas em branco em ambos os quadros, elas têm o objetivo de deixar que os próprios alunos listem exemplos de variantes linguísticas que se adequam à proposta da atividade:

<i>A língua que se escreve, de acordo com a gramática normativa</i>	<i>A língua que se fala</i>
Nós vamos brincar.	Nóis vai brincá.
	A gente vai estudá.
	Eles foru embora muito cedo.
	Elas gosta de uva e maçã bem docinha.
	A gente foi na festa junto ontem.
	Ela quer que as planta cresça e fiquem bem forte.
	Ele toca os violão dos tio dele.

<i>A língua que se escreve, de acordo com a gramática normativa</i>	<i>A língua que se fala</i>
Nós chegamos cedo.	
A que horas eles voltarão?	
Nós fomos para a casa do nosso avô.	
Ele gosta quando as cachorrinhas brincam juntas.	
Mariana e Júlia gostam de passear com seus sapatos novos.	
Em quais prateleiras você guarda os seus livros favoritos?	

7. Transformações:

O professor pode realizar atividades que conduzam o aluno a perceber que alguns textos escritos aos quais eles têm acesso na escola, como os literários por exemplo, foram escritos há muito tempo e, portanto, são constituídos de um vocabulário antigo e que não condiz com o utilizado hoje em dia. O foco da atividade é entender e identificar as mudanças que ocorreram na concordância verbal especialmente no que se refere ao uso das pessoas “tu” e “vós”. A partir disso, o aluno deve refletir sobre como o uso desses pronomes pessoais e da concordância verbal se modificou. A seguir, a presente pesquisa apresenta uma sugestão de atividade que trabalhe justamente essa comparação entre o uso da Concordância Verbal de antigamente e a atual:

- Primeiramente, é interessante que o professor procure textos literários com os quais os alunos já têm acesso na escola, como os textos de Machado de Assis, por exemplo. Em Memórias Póstumas de Brás Cubas, um texto do século XIX, é possível identificar facilmente a diferença existente entre o uso de certos verbos e pessoas verbais, que por consequência, se tornam diferenças de concordância verbal. Uma sugestão possível seria a dos trechos a seguir, presente no capítulo 17 “Do Trapézio e Outras Coisas”:

[...]

- Desta vez – disse ele, vais para a Europa; vais cursar uma universidade, provavelmente Coimbra; quero-te para homem sério e não para arruador e gatuno.

[...]

Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome dos seus? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogos ou a vadiar pelas ruas? Pilantra!

[...]

- Vens_comigo?

Marcela refletiu um instante. Não gostei da expressão com que passeava os olhos de mim para a parede, e da parede para a jóia; mas toda a má impressão se desvaneceu, quando ela me respondeu resolutamente:

- Vou. Quando embarcas?

- Daqui a dois ou três dias.

- Vou.

[...]

- Vem comigo – disse eu –, arranjei recursos... temos muito dinheiro, terás tudo o que quiseres...

(ASSIS, 1994, p. 28)

Após a leitura dos trechos, professor pode utilizar um quadro como o que vem a seguir para estimular essa percepção nos alunos, pedindo a eles que procurem no trecho os casos de concordância que mais se diferem dos que eles observam que são mais utilizados hoje em dia:

<i>Usos antigos de CV</i>	<i>Usos contemporâneos de CV</i>
Vais para a Europa.	

3.3 Sugestões de atividades para a habilidade (EF06LP04), (EF07LP04) e (EF07LP07)

Para o 6º ano especificamente, a BNCC prescreve que os alunos devem:

(EF06LP04) Analisar a função e as flexões de substantivos e adjetivos e de verbos nos modos Indicativo, Subjuntivo e Imperativo: afirmativo e negativo.

Para o 7º ano, recomenda-se que os alunos ajam de forma a:

(EF07LP04) Reconhecer, em textos, o verbo como o núcleo das orações.

Ainda para o 7º ano, recomenda-se que os alunos ajam de forma a:

(EF07LP07) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, a estrutura básica da oração: sujeito, predicado, complemento (objetos direto e indireto).

Essas três habilidades guardam certa relação entre si, além de se referirem a verbo, pelo fato de exigirem certo conhecimento da nomenclatura e da classificação da gramática normativa.

➤ **Análise, Reconhecimento de Sentidos e Compreensão dos Conceitos de CV:**

A partir desse momento, os alunos já devem ter percebido que as variações existem, que devem ser vistas como resultado de um conjunto de aspectos formativos e que o uso da norma padrão é um instrumento importante para a sua comunicação em sociedade. A sugestão apresentada por essa pesquisa agora tem seu foco em atividades que trabalhem os aspectos gramaticais teóricos que, mesmo que se assemelhem a atividades de gramática tradicional, foram introduzidas dentro de um contexto mais significativo que o ensino tradicional, uma vez que os alunos foram estimulados a refletir sobre o papel da língua, sobre suas variantes e sobre o seu funcionamento de diferentes maneiras até este ponto.

8. Onde se Encaixa Melhor?

O professor agora tem a possibilidade de trabalhar de forma mais prática com os alunos. Nessa sugestão de atividade, o professor pode preparar um quadro constituído de possíveis núcleos de orações, as quais os alunos devem completar com as palavras presentes no quadro. O professor deve explicar aos alunos que eles devem ler as frases do exercício e que, ao encontrar os núcleos dos sujeitos, devem recortá-los e colá-los em seus devidos lugares. Essa atividade estimula o uso dos aspectos gramaticais da língua através da percepção dos sentidos que cada palavra exprime, sendo, portanto positivo para o processo de ensino e aprendizagem.

AMOR	PADEIRO	IRMÃO	ÓDIO	PROFESSORES
UVA	EU	CASACO	ELES	VIAGEM
MEDO	VOCÊ	AMEIXA	JABUTICABA	ALUNOS
VIAGENS	PROFESSOR	ELE	JABUTICABEIRAS	VOCÊS

- 1- O e o são opostos.
- 2- A está marcada para o final do ano.
- 3- O esteve aqui para nos entregar o que nós encomendamos.
- 4- A, a e a são consideradas alimentos saudáveis para a nossa saúde.
- 5- O encontrado era do João.
- 6- saíram juntos na semana passada.
- 7- Meu costuma acordar cedo todos os dias.
- 8- Quando e vamos ao cinema?
- 9- O cega os nossos sonhos.
- 10- As de avião serão interrompidas devido às condições do clima.
- 11- O da sala precisou faltar ontem.
- 12- disse que estava feliz.
- 13- As do jardim de minha avó estão lindas!
- 14- podem ficar em minha casa enquanto esperam os seus pais chegarem.

9. Identificando a CV em Diferentes Lugares

Outra sugestão possível para o trabalho do professor em sala de aula seria pedir aos alunos que trouxessem revistas e jornais de temas variados para a sala de aula.

Em seguida, uma vez que já tenha apresentado aos alunos o conceito de CV e, também, seus casos e exceções, o professor deve orientar seus alunos a procurar pelos diferentes casos de CV em suas revistas e cola-los em sua folha de cadernos, explicando quais os casos escolhidos. Assim os alunos terão maior conhecimento desse fenômeno linguístico.

Os exercícios apresentados, certamente não esgotam todas as possibilidades, mas são sugestões de exercícios que envolvem sentidos relacionados à concordância verbal.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa, que se constitui da apresentação de dados de uma pesquisa sobre Análise Linguística de Concordância Verbal no Ensino Fundamental II, teve como objetivo geral o de contribuir para o ensino desse tópico gramatical por meio da elaboração de atividades de análise dos aspectos linguísticos do tópico que fossem mais significativas para os alunos, a partir de habilidades propostas pela BNCC (BRASIL, 2018). Dessa forma, objetivou-se primeiramente investigar o que a BNCC (BRASIL, 2018) recomenda a respeito do ensino desse assunto; e depois propor atividades de análise linguística para 6º e 7º anos, sobre o tópico gramatical Concordância Verbal, para melhor conduzam os alunos a um conhecimento mais amplificado dos elementos constituintes do tópico e, também, de seus diferentes contextos de uso.

A fundamentação teórica nos permitiu refletir sobre a origem distante da modalidade da escrita para a modalidade da língua falada e sobre como tal distância gerou a desvalorização de certas variações linguísticas. Isso trouxe efeitos não muito positivos para o ensino e para a aprendizagem da modalidade escrita, uma vez que a gramática normativa sempre esteve distante da língua cotidiana de grande

parte dos seus falantes. Os estudos linguísticos a respeito do ensino de gramática apresentados na seção 1 dão ênfase a Geraldi (1984), que foi o primeiro linguista brasileiro a propor o conceito de Análise Linguística, buscando focar-se na compreensão dos sentidos dos recursos linguísticos, proporcionando assim um aprendizado mais amplo da língua que estimula a reflexão dos contextos de uso da mesma, e não um ensino focado apenas nas normas e na nomenclatura da gramática normativa.

A pesquisa na BNCC (BRASIL, 2018), para os 6º e 7º anos, a respeito de aspectos da concordância verbal, encontrou 07 habilidades propostas para esse aspecto linguístico. Os principais conceitos teóricos subjacentes a essas habilidades são: norma padrão, variação linguística, uso da concordância verbal de acordo com a norma padrão e reconhecimento do verbo e de seus complementos na estrutura da oração. Conclui-se que é possível propor atividades de análise linguística para as habilidades propostas pela BNCC (BRASIL, 2018), mas para isso é necessário mobilizar alguns conhecimentos da classificação e da nomenclatura da gramática normativa e determinados conhecimentos desenvolvidos pela Linguística nas últimas décadas.

Por fim, ao longo dessa pesquisa, pudemos observar como os aspectos linguísticos e a sua reflexão consciente são imprescindíveis ao nosso cotidiano, uma vez que é preciso ensinar os alunos a pensar a língua, a compreendê-la como um fenômeno comunicativo que é dinâmico, é complexo, mas que também, se trabalhada de maneiras mais significativas, é acessível. É esperado que essa pesquisa contribua para o trabalho dos professores que a consultarem futuramente e, também, que os estimulem a elaborar atividades semelhantes às presentes aqui.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC; SEB, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em 10 maio 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF. 1998.

CAMACHO, Roberto G. *A variação linguística*. In: SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus**: Coletânea de textos vol. 1. São Paulo: SE/ CENP, 1988. p. 29-41.

CUNHA, C. F. da; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

GERALDI, João W. Concepções de linguagem e ensino de Português. In: GERALDI, João W. (org.). **O texto na sala de aula: leitura & produção**. 2. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984. p. 41-48.

IGNÁCIO, Sebastião E. Por exemplo, o ensino da análise sintática. **Alfa**, São Paulo, n. 37, p. 33-41, 1993.

LOUZADA, Maria S. O. O ensino da norma na escola. In: MURRIE, Zuleika de F. (org.). **O ensino de português**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994. p. 11-21.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MATTOS E SILVA, Rosa V. Alguns aspectos da heterogeneidade dialetal brasileira e sua relação com o ensino do português. In: _____. **Contradições no ensino de português: a língua que se fala X a língua que se ensina**. São Paulo: Contexto; Salvador: Editora da UFBA, 1995. p. 52-77.

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 199-226.

VIEIRA, Francisco E. Gramatização brasileira contemporânea do português: novos paradigmas? In: FARACO, Carlos A.; VIEIRA, Francisco E. (org.). **Gramáticas brasileiras: com a palavra, os leitores**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 19-69.